

ENTREVISTA*

Dival José de Souza **

PROFA. CECÍLIA HELM: Gostaria que o senhor narrasse quando e como conheceu o dr. José Loureiro Fernandes?

INDIGENISTA DIVAL: Entrei em contato com o professor Loureiro Fernandes no período em que foram realizadas expedições à Serra dos Dourados, Paraná, na década de cinquenta, quando ocorreu a notícia de que havia índios primitivos nessa região. Foi organizada uma primeira expedição em que participaram membros do Serviço de Proteção aos Índios - SPI e do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná. Dr. José Loureiro, junto com um auxiliar de campo e o motorista seguiram viagem de caminhonete até a região, onde se localizava a fazenda do deputado Antônio Lustosa. O gerente da fazenda havia informado ao deputado que um grupo de índios havia se aproximado da fazenda. Eu e um jornalista, mais a equipe do dr. Loureiro, fomos tentar fazer contato com os primitivos Xetá.

PROFA. CECÍLIA HELM: Como ocorreu a aproximação com os Xetá na mata?

INDIG. DIVAL: Dr. Loureiro e eu, mais o Tuca andamos bastante pela mata tentando uma aproximação com os índios. Nos perdemos na mata; graças aos conhecimentos de Tuca, encontramos o caminho que nos levou aos Xetá.

PROFA. CECÍLIA HELM: Vocês fizeram novos contatos?

INDIG. DIVAL: Fizemos várias expedições. Sempre o dr. Loureiro Fernandes organizava o trabalho com muita disposição. Era um incansável pesquisador dos índios do Paraná. Na década de 30, havia estado com papai [o senhor Deocleciano de Souza] em Palmas,

* Entrevista concedida à profa. dra. Cecília Maria Vieira Helm, em 19 de janeiro de 2005.

** Indigenista aposentado do SPI/FUNAI.

quando o dr. Loureiro pesquisou os Kaingáng. Fomos até Mangueirinha, também. Eu era criança, mas me lembro das visitas do dr. Loureiro aos Kaingáng de Palmas.

PROFA. CECÍLIA HELM: Descreva como foram as expedições e o trabalho no campo?

INDIG. DIVAL: As expedições eram para fazer contato com os Xetá e tentar sensibilizar as autoridades, para que fosse reservada uma terra para eles, pois os fazendeiros estavam tomando conta do “sertão” e estabelecendo fazendas nas terras ocupadas pelos Xetá. Dr. Loureiro e eu penetrávamos na mata virgem para localizar os Xetá. Nas primeiras expedições não foi um cinematografista, apenas nós com a missão de encontrar os Xetá. Dr. Loureiro fazia muitas perguntas ao Tuca.

PROFA. CECÍLIA HELM: Naquela época encontravam muitos Xetá na mata?

INDIG. DIVAL: Sim.

PROFA. CECÍLIA HELM: Quais os nomes dos membros da expedição?

INDIG. DIVAL: Participaram o dr. Loureiro e um aluno dele, o Ney Barreto. Também acompanhou o professor o Afonso, motorista da Universidade. Ainda estiveram na Serra dos Dourados, o jornalista Loyola, o Djalma e o Durval. E eu, que estou aqui vivo. Mais o Tuca e o Caiuá. Tudo era sertão. Depois das andanças na mata, em um almoço, eu me lembro que as moscas e os mosquitos pegaram o Loyola. O prato de comida dele encheu de insetos. Ele atirou longe. Voltou para junto de nós e pediu desculpas ao dr. Loureiro. Falou que com aquele episódio ele não havia passado no “teste”. Havia muito macaco. Viviam em bandos. Os Xetá matavam, moqueavam os macacos e comiam. Certa vez me deram um pedaço para comer. A carne era doce. Tive dificuldade para engolir a carne. Também comiam cobras, mas eu não consegui comer cobra. Eu e o dr. Loureiro pudemos observar como os Xetá curavam a dor de cabeça de um índio. Vimos um Xetá deitado e, o outro, provavelmente o pajé, apertando a cabeça do que sentia dores. Apertou muito e curou, de tanto apertar sarou.

PROFA. CECÍLIA HELM: O prof. Loureiro fazia anotações de

campo?

INDIG. DIVAL: O dr. Loureiro gostava de fazer perguntas e observava seus modos de vida. Ficamos sabendo que eram polígamos, mas na minha opinião, aparentemente, as mulheres se davam bem. O dr. Loureiro tinha amor pelo trabalho e gostava de fazer pesquisa de campo. Era um homem de grandes conhecimentos, um médico respeitado.

PROFA. CECÍLIA HELM: Os Xetá confeccionavam muitos artesanatos?

INDIG. DIVAL: Sim, mas eu não trouxe arcos elaborados por eles. Observei que era trabalhoso fazer um arco, com pedras, não usavam instrumentos como facas. O dr. Loureiro trouxe alguns objetos para serem depositados no Departamento de Antropologia, no acervo.

PROFA. CECÍLIA HELM: O senhor viu alguns Xetá serem exterminados? Ou ouviu falar?

INDIG. DIVAL: Os Xetá morreram em sua grande maioria de gripe contraída dos empregados das Companhias Colonizadoras. Não foram mortos à bala como se diz. Tinham e têm facilidade em contrair gripes e sofrem muito com essa doença.

PROFA. CECÍLIA HELM: Ocorreram tentativas de aldear os Xetá, conseguir uma terra para eles?

INDIG. DIVAL: O dr. Loureiro foi incansável. Fez contatos para que o presidente Jânio Quadros fizesse um Decreto reservando um parque para eles. Teve muitos aborrecimentos devido ao fato que as autoridades não chegaram a cumprir as promessas. Por sua vez, o Serviço de Proteção aos Índios tentou sensibilizar o governador Moysés Lupion para criar uma reserva para os Xetá.

PROFA. CECÍLIA HELM: O governador Lupion foi quem assinou o Decreto em 1949, concordando com a redução das terras indígenas, em que os Kaingáng, os Guarani e os Xetá foram muito prejudicados com a expropriação de seus territórios de ocupação tradicional.

INDIG. DIVAL: Até convidamos o Lupion para batizar o Tuca,

para ver se ele se sensibilizava e contribuía para que fosse reservada uma terra para os Xetá. No meu entendimento, os Xetá deveriam ter permanecido em uma terra reservada para eles, longe do contato com os não índios. Eles teriam ficado felizes e sobrevivido. O extermínio foi devido à falta de interesse das autoridades governamentais.

PROFA. CECÍLIA HELM: Pude observar os Xetá em Guarapuava, no Posto Indígena Marrecas, quando foram levados para esta terra, por iniciativa do SPI. Fazia pesquisa entre os Kaingáng, mas os Xetá e os Kaingáng não se aproximavam. Os Kaingáng diziam que eles eram os primitivos índios e que os Kaingáng já estavam aculturados.

INDIG. DIVAL: A minha convivência com o dr. Loureiro na mata, junto aos Xetá, foi muito significativa. Dr. Loureiro permanecia durante dias a procura dos Xetá, depois fazia suas observações, registrava, e sempre regressava com a expectativa de conseguir uma terra para os Xetá poderem continuar sobrevivendo como índios. Mas foram poucos os sobreviventes e estão espalhados no Paraná, cerca de oito indivíduos e seus descendentes e uma Xetá habita no Estado de São Paulo.

PROFA. CECÍLIA HELM: O dr. Loureiro foi meu professor de Antropologia na Universidade do Paraná, aprendi muito com ele, principalmente a me interessar pelo destino dos povos indígenas, pelas suas peculiaridades étnicas e culturais, pela sua organização social, pela preservação de suas culturas, a estudar as transformações ocorridas devido ao contato com o mundo dos brancos.

A profa. Cecília Helm agradece ao indigenista Dival José de Souza, que teve disposição em gravar a entrevista, responder as perguntas, apesar de seus oitenta anos, dedicados a maioria deles à causa indígena no Estado do Paraná.